

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CLÁUDIA ROGÉRIA FERRO GOMES

A FORMAÇÃO CONTÍNUA E O TRABALHO PEDAGÓGICO COM PROJETO DE  
PESQUISA CIENTÍFICA ATRAVÉS DE OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

CAMPINAS

2009



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Cláudia Rogéria Ferro Gomes

A formação contínua e o Trabalho pedagógico com  
Projeto de Pesquisa Científica através das obras de Monteiro Lobato

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, como trabalho de conclusão do Curso de Especialização “A Pesquisa e a Tecnologia na Formação Docente”, sob orientação do Professor Guilherme do Val Toledo Prado.

CAMPINAS

2009

by Cláudia Rogéria Ferro Gomes, 2009.

UNIDADE:	FC
Nº CHAMADA	JCC
V:	9585f
EX:	
Tombo:	4304
PROC.:	
C:	
D:	
PREÇO:	
DATA:	
CÓD TÍTULO:	477115

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**  
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

G585f

Gomes, Cláudia Rogéria Ferro  
A formação contínua e o Trabalho Pedagógico com Projeto de pesquisa Científica através das obras de Monteiro Lobato / Cláudia Rogéria Ferro Gomes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Formação continuada. 2. Trabalho pedagógico em equipe. 3. Projeto de pesquisa. 4. Pesquisa científica. I. Prado, Guilherme do Val. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-341-BFE

“Deus não nos deu o espírito de temor, mas de  
fortaleza, e de amor, e de moderação” (II Timóteo 1.7)

## RESUMO

Neste texto, apresento uma narrativa autobiográfica para o registro da investigação que tem por objetivo a compreensão do processo de como me constituí professora; percorrendo dos estágios da reprodução do vivido ou observado, acrescido da procura do saber e o saber-fazer, e a construção de uma nova concepção: a metodologia de Projeto de Pesquisa Científica e o uso de novas tecnologias. Procuo descrever minha formação educacional e profissional, e o que se alterou em mim, seja pelos “encontros” que a vida me ofereceu, seja por meio da orientação teórica e acadêmica. Encontramo-nos em interminável constituição, característica própria do ser humano, mas como nos tornamos professores, professores-pesquisadores? O que nos faz agir de tal maneira, e não e outra? Que olhar alcançamos ao refletir nossas praticas e qual entendimento nos leva a este olhar? Num segundo momento, apresento o relato de um trabalho de Projeto de Pesquisa Científica desenvolvido através das obras de Monteiro Lobato, por alunos das turmas mistas de segundos e terceiros anos do Ciclo I, no ano 2008, na Emef “Pe. Emilio Miotti”, escola publica municipal de Campinas/SP, o qual foi apresentado como tema de comunicação no 17º Cole – UNICAMP – 2009. À medida que os alunos tiveram acesso à vida e às obras de Monteiro Lobato, o registro de dúvidas, o levantamento das hipóteses, o processo de investigação, a sistematização dos dados e a divulgação dos resultados da pesquisa foram etapas realizadas coletivamente, trazendo grande discursividade às aulas, concretizando um trabalho que percorreu as diversas áreas do conhecimento interdisciplinarmente, atingindo os objetivos esperados: leitura prazerosa, com amplo envolvimento dos alunos, o uso de novas tecnologias, proporcionando cultura e atendendo as necessidades curriculares.

## ÍNDICE

RESUMO .....	vi
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I – LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA .....	3
CAPITULO II - PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES .....	6
CAPITULO IV – NASCE UMA PROFESSORA.....	14
4.1 - A habilitação para o Magistério... primeiros encontros.....	14
4.2 - O concurso público .....	16
4.4 - Novos encontros.....	20
CAPITULO V - FORMAÇÃO PROFISSIONAL CONTINUADA .....	21
CAPITULO VIII - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

## INTRODUÇÃO

Acredito ser a escrita, uma importante ferramenta para registrar o percurso, as etapas, as fases das experiências acrescidas pelo vivido, somando o conhecimento adquirido no processo de constituição de um professor-pesquisador, semelhante ao que afirma kramer (2001, p.114):

... chamo de experiência se e quando a escrita permite refazer o processo, sistematizá-lo e melhor compreendê-lo, suavizá-lo, vencendo a dureza da escrita, percebendo as contradições, incoerências e dificuldades existentes. Escrever significa aqui interferir no processo, deixar-se marcar pelos traços do vivido e da própria escrita, reescrever textos e ser leitor de textos escritos e da história pessoal e coletiva, marcando-a, compartilhando-a, mudando-a, inscrevendo nela novos sentidos.

Confesso que sempre gostei de escrever, e nas diferentes ocasiões da vida, quando não aceitava alguma condição, quando me sentia revoltada, injustiçada ou incompreendida, recorria à escrita como forma de desabafo. Era como se algo impulsionasse e na dificuldade de me expressar oralmente, recorria a redigir tudo que me fluía ao pensamento. E isso sempre me foi muito fecundo...

Mas o fato do gosto pela escrita, não condicionou ao fato de que escrever sempre me foi algo muito fácil... Somente um motivo gerador, algo que incomodasse e que provocasse o pensamento, a reflexão, me induzia ao ato de redigir. Nem sempre o motivo estava relacionado com a minha pessoa, muitas vezes a revolta era com uma questão social, política ou econômica, ou uma questão de relacionamento... Dizia na época de minha adolescência, ainda usando o senso comum, era uma questão filosófica...

"A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e o outro. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor"  
(BAKHTIN,1992, p.113)

Pretendo aqui descrever brevemente os encontros que se fizeram presentes na minha infância, através de minha família, minhas primeiras professoras, minha primeira turma do Ensino Fundamental. Os encontros motivados pelos acontecimentos e pelas relações ocorridas com os professores e professoras,

amigos e amigas do Ensino Médio, da Faculdade de Pedagogia e no Curso de Especialização. Encontros e acontecimentos ocorridos na minha vida profissional, com professores e professoras que fazem ou fizeram parte de meu grupo de trabalho, meus alunos e alunas, suas famílias... Encontro com o saber... E com a descoberta do não-saber... Encontros com os autores sugeridos para leitura, que provocaram através de questionamentos e reflexões, um novo encontro com meu eu interior, com eu profissional.

Só se produz na solidão da interioridade, mas ninguém produz do nada, no vazio. A produção depende de encontros, encontros são roubos, e roubos são sempre criativos; roubar um conceito é produzir um conceito novo. (SILVIO GALLO, 2008, p.30).

Mas nestes encontros que a vida me preparou, não precisei cometer “roubos”, pois todo o conceito e entendimento adquirido na minha formação me foram oferecidos com carinho, pela minha família, meus professores, meus amigos e principalmente por Deus, que me deu um espírito de alegria e de coragem.

## CAPÍTULO I – LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA

Nasci em uma família que possuía como características, a simplicidade nos consumos, no modo de agir, de pensar; porém com marcante preocupação com o planejamento para melhoria financeira, com os aspectos culturais, com os estudos, leitura, o crescimento profissional. Uma família que tinha temor a Deus dentro do entendimento que possuía.

Minha mãe sempre teve uma sabedoria divina. Acompanhava e orientava os estudos dos filhos e esperava resultados. Ensinava a cooperar nos afazeres da casa, dividia o serviço. Hoje ela acompanha os estudos dos netos. Coursou até o primeiro ano do Ensino Médio antes de casar, em escola particular. Terminou os dois anos que faltavam há pouco tempo. Até hoje, aos 65 anos, estuda, faz cursos, usa internet.

Meu pai, hoje já falecido, aplicava aos filhos uma educação de regime duro. Era militar, funcionário público estadual, trabalhava interno no quartel como farmacêutico. Às vezes, me levava junto com minha irmã para no serviço dele, onde podíamos observá-lo em suas atividades. Ele vendia medicamentos; fazia os pedidos, e o inventário. Recebia um salário pequeno para sustentar quatro filhos, todos com idade bem próxima.

Minha irmã tem um ano acima de mim em idade, e meus irmãos, dois anos abaixo, porém são gêmeos. Mas apesar das dificuldades, acredito nunca nada nos faltou. Para nós, sempre funcionou o ditado “feliz não é aquele que mais tem, mas sim aquele que menos necessita”: éramos simples e felizes! Acredito que ainda somos assim.

Durante um período de nossa infância, jogar baralho era um costume que meu pai cultivava, com a idéia de provocar em nós, motivos para fazer cálculos mentais. Brincávamos também muito dentro de casa, no quintal. Minha mãe não deixava sair para a rua. Nossas brincadeiras eram com bisnagas de remédios para espirrar água um no outro; ou caixinhas vazias. Teatro com lençol e corda amarrada na árvore. Também subir no pé de goiabeira. Às vezes, minha mãe deixava vizinhos vir brincar em casa. Tínhamos bonecas e panelinhas. Gostávamos de correr pelo quintal. Quando éramos um pouco maiores, lá pelos doze anos, minha mãe nos deu permissão para brincarmos na rua: bets, volei, queimada e até futebol.

Eu e minha irmã sempre fomos muito próximas e eu caminhava seguindo ela. Hoje ela é orientadora pedagógica, também da Rede Municipal de Educação de Campinas. Na adolescência nos separamos um pouco das brincadeiras dos meninos, meus irmãos. Precisávamos ganhar o mundo, jogar volei em outras ruas. Mas meu pai dava toque de recolher assim que o sol se punha, pois era muito medroso. Nos bailinhos de aniversários, deixava ir por que minha mãe o convencia. Talvez esse sistema controlador fizesse com que todos, menos minha irmã mais velha, se tornassem pessoas tímidas, pelo menos durante um período na vida.

Lembro-me também das viagens que fazíamos com certa frequência às casas de nossos avôs, em Rio Claro, pois havia todo um preparatório.

Meus avôs maternos tinham uma casa um pouco especial, pois era antiga, construída em um terreno bem comprido, “geminada” com outra casa, terminando a sua construção direta na rua, e com uma pequena área ou hall de entrada na frente. Dentro dela tinha uma variedade enorme de “coisas” para mexermos. Meu avô tinha a mania de ter tudo de dois: dois chuveiros, um ao lado do outro, três televisões, umas duas escrivaninhas, e muitos, muitos livros pela casa toda. Enciclopédias Conhecer, Medicina e Saúde, livros de Monteiro Lobato, entre outros. Eram muitas estantes de livros. No quintal havia um rancho, feito de madeira, onde meu avô guardava as ferramentas em móveis ou bancadas feitos por ele. Ali havia uma rede, uma “vitrola” e um rádio de válvulas. E muitos disquinhos de historinhas. Quando chegávamos lá, íamos direto para este rancho. Eu ficava horas balançando e lendo na rede, ou ouvindo historinhas dos disquinhos. Meu avô era uma pessoa muito culta, tinha uma letra toda desenhada. Kursou somente até o segundo ano do primeiro grau, mas valorizava a leitura. Incentivou minha mãe a estudar.

A casa de meus avôs paternos existe até hoje, pois minha avó, que completou 90 anos, mora nela com uma tia minha. Lá há um quintal enorme e um jardim maravilhoso que ela cuida! Na minha infância a casa era mais antiga e tinha até fogão de lenha. Era muito movimentada, pois além da família mais próxima, chegava e saía gente o tempo todo quando íamos lá, parentes que moravam por perto e vinham nos ver. Podíamos brincar na terra, correr e jogar bola, pular nos degraus e nas muretas da área, brincar com nossos primos. Mas lá sempre foi tudo organizado e não podíamos fazer muita bagunça. Havia um controle grande sobre nossas brincadeiras por medo contínuo de que iríamos nos machucar.

Ainda em Rio Claro, freqüentávamos o sítio de meu tio-avô Avelino, e dos tios-avôs Alzira e Rubens. Meu pai foi criado neste sítio até os doze anos de idade. É um lugar muito gostoso, com rio, riacho, pomar, cavalos, charretes. Um paraíso para crianças da cidade.





Depois de algum tempo freqüentando as aulas, avisaram minha mãe que a matrícula que havia sido feita no meio do ano não valeu, eu era somente OUVINTE. Difícil foi explicar no ano seguinte, que eu não havia sido reprovada.

No primeiro ano, em 1977, minha professora chamava Telma, era novinha e me lembro pouco dela, pois logo saiu de licença. No segundo ano, em 1978, a professora se chamava Cleide e eu me recordo ainda um pouco como ele era fisicamente.

Nome: Cláudia Regina Stern  
Dia: 29 de agosto de 1978 **Bom**

Composição - Como foi o nosso passeio ao Bosque dos Jequitibás?

Fomos convocados pela diretora da nossa escola para ir ao Bosque dos Jequitibás.

A diretora pediu a ordem dos pais para que pudessemos ir ao bosque.

Logo às 8 horas a professora estava recolhendo a assinatura, e onibus chegaram dois onibus, no primeiro foi a classe da tia Cricles junto com a classe da tia Gracia.

As crianças da tia Gracia sobram então entram a nossa classe e depois o que sobrou da classe da tia Gracia.

Então lá se foi os onibus.

Chegando lá vimos um papagaio, um canário, vimos também arvoros, pássaros, macacos, leão, gansos, galinha, arara, pavão, cobra, pombo, porco espinho, pato, cavalos, tartarugas, anta, lica onça, jacaré, anelamos de tranzenho e depois fomos ao museu.

E lá vimos pedras, fotos, barco, papagaio de espina, flechas, tumba meu boi.

E depois fomos ao parqueinho lá tinha tumbalalaca, de dois tipos, brincamos um tempo e depois vimos etalora.

E assim foi a nossa alegria ao passeio no Bosque de Jequitibás.

Redação: Passeio realizado no Bosque dos Jequitibás, em 1978, 2ª ano

A professora Marlene, do terceiro ano, me assustava, pois a bronca que ela dava coletivamente me fazia perder o fôlego. Usava-me de escudo para separar

os meninos bagunceiros, colocando um “terrível” sentado atrás de mim, que eu não suportava, pois ele puxava meu cabelo, me angustiava e a razão sempre era dele.

Na quarta série, ano 1980, a professora se chamava Sueli, e já havia dado aula para a minha irmã, pois permaneceu na escola por vários anos. Era muito enérgica e organizada, mas não me lembro muito dela. A sala era muito disciplinada e suas aulas eram repetitivas: redação, problemas matemáticos copiados da lousa, pintura de desenhos mimeografados para datas comemorativas, atitudes, valores, higiene. Junto muitas cópias e interpretações de textos e ditados. A maioria das redações que tenho guardado foi realizada com sua orientação, e tem a data registrada.

Já na quinta série, o que marcou negativamente foi professor de matemática, pois não ensinava nada e não tinha autoridade com a sala. Acabou com a minha matemática. De aluna que participava das Olimpíadas de Matemática, passei a freqüentar as aulas de reforço até a faculdade! E marcou positivamente a professora Lisete, de Ciências; professora que organizou nossa formatura... Passamos três dias em um maravilhoso hotel fazenda, em Serra Negra. Tenho fotos desta viagem. Suas aulas eram moderninhas até para os dias de hoje. Gostaria muito que ela soubesse o quanto foi importante para aquela turma. Há pouco tempo, conversando com outra professora, fiquei sabendo, que ela trabalhou no Museu das Ciências no Taquaral. Acredito que hoje esteja aposentada.

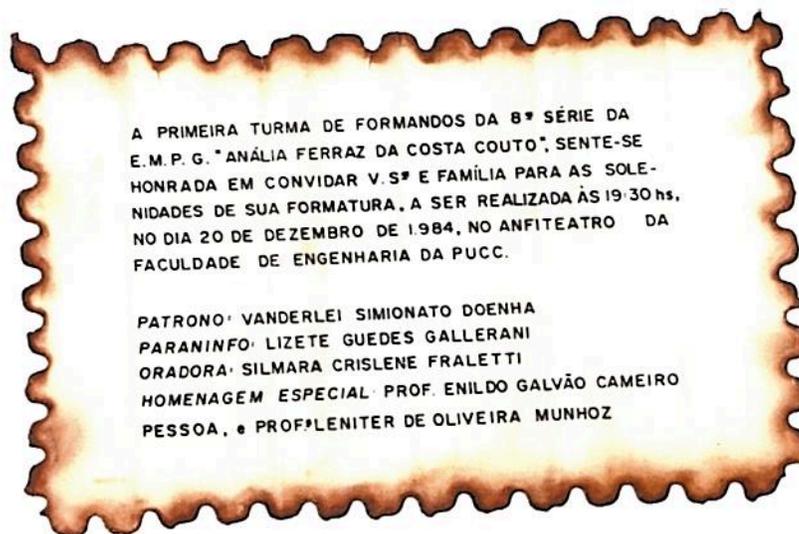
Muitos professores marcaram pelo carinho e preocupação, cuidado conosco. Dona Ivone, professora de matemática da sexta até a oitava série, orientava até nos cuidados que devíamos ter com as espinhas do rosto. Dona Marilda, professora de História, por um período estava meio triste. Dizia sempre pra nós mulheres estudar, para não ficar abandonadas, na dependência de salário do esposo. E dona Cleodete: fiz maravilhas em suas aulas de artes. Usava tintas para pintar objetos. Desenvolvi o gosto por tintas e pincéis e uso com freqüência com meus alunos. Gostava muito da professora de Língua Portuguesa, da sétima e oitava série, mas não consigo lembrar o seu nome. Lembro-me como ela era fisicamente e que organizou uma biblioteca juvenil para a classe, da qual cheguei a ler dezoito livros em um só mês. Lembro-me também da professora de Inglês, Dona Isaura. E de Seu Oscar, professor de Educação Moral e Cívica.

A escola que estudei priorizava um sistema de competição entre os alunos. Embora eu fosse criança, consegui sozinha, perceber isso. Havia certo

stress emocional, difícil de ser controlado. Era uma cobrança que tínhamos conosco mesmos. Havia na turma, cinco alunos que se destacavam nas notas que eram registradas em cadernetas, e eu sei citar o nome de cada um deles. Estava entre eles. E naquela época ainda era marcante a idéia de decorar conceitos.

Existiram momentos marcantes, que me fazem afirmar que foi uma escola que se preocupava com a qualidade do ensino. De quinta a oitava série, tivemos atividades interessantes: fizemos um grupo de teatro que percorreu se apresentando em outras escolas e no teatro da Faculdade de Engenharia da Pucc, houve a presença de um escritor na escola, aula de orientação sexual, e um grupo de orientação política e cívica, tipo grêmio, do qual participei, apesar de minha timidez. Acredito que tive um excelente estudo ali.

Nossa turma foi a primeira a atingir a oitava série e a se formar nesta escola. Alguns alunos saíram e outros entraram em nossa turma durante o período, o que a tornou uma turma pequena.



Convite de formatura



Cartão postal de nossa viagem



Turma de formandos 1984 – 8ª série.

### CAPÍTULO III - ESCOLHA PROFISSIONAL

Lembro-me que quando criança, entre sete a dez anos, dizia que seria médica. Gostava de afirmar meu desejo pelo estudo, e talvez por esse motivo, a escolha, nesta época, pela profissão medicina.

Nome: Cláudia Régia Ferrs

Comunique suas ideias  
O que você deseja ser quando crescer?

Quando eu crescer eu vou ser médica.  
Para que as pessoas não morram.  
Eu gostaria de ser uma boa médica.  
Mamãe faz crochê, lava roupa, faz comida e  
outras coisas.  
Papai vai trabalhar e só do trabalho a.s.h.b.

É. M. P. G. Prof. Anália Souza da Costa Couto.  
Campinas, 23 de agosto de 1980.  
Nome: Cláudia Régia Ferrs.

Composição: O que eu pretendo ser  
Quero ser médica de cirurgia, portanto faço cálculos  
de me formar com 28 anos, mais ou menos.  
Escolhi minha profissão que desejo exercer quan-  
do for adulta, quando tinha sete anos. Nunca antes dessa  
profissão pensei em outra, e, quando escolhi nunca  
mais mudei de opinião.  
Escolhi esta profissão porque gosto dela e não  
penso em outra.  
Desejo nunca repetir de ano, pois, um ano per-  
dido, não mais tarde um ano de espera.

Mas os anos haviam se passado, e ao final do Ensino Fundamental, aos quatorze anos de idade, tinha pouca orientação sobre a questão profissional e já não fazia mais muita questão pelo curso de medicina. Sabia que estudaria à noite e tinha que ser em uma escola no centro da cidade, de fácil acesso.

Minha irmã estava cursando no Ensino Médio, o primeiro ano do magistério, na Escola Carlos Gomes. Entre fazer o Colegial Comum, optei fazer também o magistério e não pensei muito.

Minha mãe conseguiu um emprego em um escritório de contabilidade, com a irmã de uma vizinha. Estudava à noite, trabalhava de dia. No segundo ano, o

destino me enviou para trabalhar em outro escritório, também de contabilidade. Saia de casa cedo, e só voltava para casa, às onze e quarenta da noite.

Estudar á noite foi divertido. A escadaria de entrada da escola era ponto de encontro da juventude. Não costumava matar aulas, mas muitas vezes faltava professor e a escola, durante um período, era aberta: entrávamos e saíamos quando queríamos. Depois ficou mais organizada e isso não foi mais possível. E as voltas de ônibus! Éramos umas quinze pessoas no mesmo ponto para esperar o ônibus das onze, que voltava sempre lotado e ali todos se conheciam. O motorista era o mesmo todos os dias: um senhor que se envolvia na farra da turma. Seu apelido era Fuscão, pois era negro e vínhamos cantando para ele, em coro no ônibus.

Eu era muito tímida, mas fiz muitas novas amizades. Nos primeiros dias de aula, conheci na escola meu futuro marido. Amor á primeira vista! No final do primeiro ano, começamos a namorar... Entre idas e voltas, nos casamos sete anos depois. Meu filho nasceu e fiquei viúva quase três anos após o casamento, aos vinte cinco anos de idade.

## CAPITULO IV – NASCE UMA PROFESSORA

### 4.1 - A habilitação para o Magistério... primeiros encontros

Mas vamos ao que interessa: as aulas do Curso de Magistério que iniciei no ano de 1985 e terminei em 1988. Acredito ser importante aqui relação temporal, pois assim podemos atentar para as teorias educacionais priorizadas naquela época histórica. Ou seja, acredito que as idéias construtivistas estavam no auge dos discursos. Lembro-me que no quarto ano, fiz um trabalho de pesquisa sobre os estudos de Emílio Ferreira.

Trabalhávamos muito em grupos para a apresentação de estudos que nos eram propostos. Eram aulas voltadas para a questão do ensinar, da didática, da formação profissional, abandonando um pouco a questão do conteúdo do Ensino Médio comum. Tínhamos aula básica e muito superficial das disciplinas Física, Química, Matemática e Língua Portuguesa, Língua estrangeira. No primeiro ano, quase reprovei na disciplina Física, pois a professora era famosa por reter metade da classe. Minha irmã já havia reprovado o primeiro ano com esta professora, apesar de ter notas boas em todas as outras disciplinas. Precisei de aulas com professor particular e de me esforçar muito. Nas disciplinas próprias do magistério, as aulas eram mais reforçadas. Centrava-se em estudar os grandes pensadores da educação e também as estratégias e planejamentos de aulas, a didática, psicologia, distúrbios de aprendizagem.

Tenho até hoje guardado as Fichas de Estágio, e parte de meus cadernos do magistério Ali, além de material de estudo, encontrei muitas declarações de colegas, e poesias que faziam parte das disciplinas ensinadas ou mesmo de nossos gostos pessoais. Minha melhor amiga, dividia comigo por coincidência o mesmo nome, e... a janta que era sempre um lanche que levávamos de casa, ou às vezes uma mini pizza na cantina da escola. Ainda hoje, apesar da distância, às vezes conversamos.

No ano 1986, realizei estágio supervisionado no período de março a junho, na E.E.P.G "Geny Rodrigues", que naquela época era escola estadual, e hoje municipal; em setembro, na E.E.P.G. "Reverendo Eliseu Narciso", localizada no

Bairro Dic III, de outubro e novembro na E.E.P.G. "Guido Segalho", na Vila Teixeira. De cada escola por onde estive, tenho lembranças distantes e me vem ao pensamento cenas vividas. Lembranças do espaço físico, de algumas atitudes de professores, das brincadeiras com as crianças. O estágio baseava-se mais em observações do que em participação propriamente dita.

No ano 1987, terceiro ano do Magistério, o estágio foi realizado completamente na escola Carlos Gomes. Lembro-me também que partes destas horas foram realizadas através de um trabalho no Projeto Catarata-Prevenção da Cegueira, da UNICAMP, onde realizamos acuidade visual em senhores (as) com mais de cinquenta anos, fazendo visitas domiciliares na região do Bairro Campos Elíseos, em Campinas. Este período de estágio parece exterior ao interesse educacional, mas hoje avalio como uma atividade importante, pois foi um desafio, causando desenvoltura, desinibição, e o contato com o mundo, com a responsabilidade, com pessoas e suas necessidades. Lembro-me que as atividades eram ao final de semana, que levantávamos muito cedo para o encontro com a condução que nos aguardava ao lado da Prefeitura de Campinas, e que ao final estávamos muito cansados, mas tínhamos prazer em estar neste grupo. Minha irmã foi minha companheira nestas atividades.

Quando terminei o terceiro ano do magistério, no ano 1987, resolvi experimentar me inscrever no vestibular da PUCC para ver o que acontecia. Como trabalhava com a contabilidade, optei por Ciências Contábeis. Deu zebra, pois fui classificada, e por orientação de meus pais, no ano 1988, deixei de trabalhar no escritório, para fazer a faculdade de Ciências Contábeis à noite, e o quarto ano do Curso do Magistério, que habilitava para o trabalho com Ensino Infantil, no período da manhã.

Ao trocar de turma, do noturno para o diurno na Escola Carlos Gomes, senti muita diferença, pois no novo período eram outras formas de pensar, outros costumes e comportamentos: havia muita reclamação do tipo "não gosto desta", "não gosto daquela". Não era uma turma unida, era cheia de confusões.

O ensino diurno era visivelmente de melhor qualidade, os professores eram mais presentes, havia mais conteúdos e mais cobrança sobre pesquisas. Lembro-me que freqüentava constantemente a biblioteca municipal. Fiz durante este período os estágios supervisionados, na Emei "Hilton Federicci" na Vila Trinta e Um de Março, e por três vezes, na EMEI "Lafayette A.S. Camargo", no Cambuí. Desta

época de estágio, lembro-me de cenas vividas, em questões do tipo disciplina, atitudes, participação. Na primeira escola de educação infantil, algumas vezes, a professora ficava a conversar com outras, e a turma ficava sobre minha responsabilidade. Tinha então dezoito anos, e me sentia uma criança brincando de escorregar com papelão, em um barranco que havia na escola, junto com os aluninhos. Mas auxiliava também nas atividades que ocorriam dentro da sala de aula, organizava as filas, acompanhava as crianças para a higiene e o lanche.

Ao final de 1988, eu e minha irmã nos formamos no magistério.

## **4.2 - O concurso público**

Em fevereiro de 1989, com dezenove anos, voltei a trabalhar; agora funcionária pública concursada pela Secretaria Estadual de Saúde, no cargo de assistente administrativo. Fiquei neste emprego por onze anos: dois na sede Estadual e depois me municipalizei e por nove anos atuei no Centro de Saúde Jardim São Vicente.

Em 1991, terminei o Curso de Ciências Contábeis, mas nunca mais senti vontade de atuar no ramo da contabilidade. No mesmo ano houve o concurso público da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, mas eu não me inscrevi.

Após anos trabalhando na saúde, percebi que a profissão de Oficial Administrativo, era uma opção que não me abria oportunidades de crescimento profissional e de novos estudos; sentia-me no fim da linha e comecei a almejar novas possibilidades. Queria crescer profissionalmente, estudar era uma necessidade e comecei a desejar atuar no magistério. Mas não queria abandonar um serviço efetivo para substituir professores em suas ausências nas aulas. Então, esperei o concurso público para professores que demorou dez anos para acontecer: de 1991 ao ano 2000. Por várias vezes ele era anulado, porém quando teve legitimidade, fui umas das primeiras colocadas! Fiz a seguinte estratégia: para obter tempo e me dedicar ao estudo, agendei uma cirurgia que necessitava fazer para as vésperas do concurso: afastada por licença médica, estudei por dezoito dias... Piaget, Demerval Saviane, Kramer. Realizei a prova do concurso com muita facilidade. A cirurgia foi uma benção nos diversos sentidos. Tive ajuda de minha

mãe e de meu filho, que na época tinha sete aninhos! O concurso foi em maio do ano 2000, iniciei no magistério em agosto.

### **4.3- Minha primeira escola**

Após doze anos que eu havia terminado o Ensino Médio com habilitação para o magistério, ingressei na Emef “Carmelina de Castro Rincco”, com uma classe de segunda série que todos consideravam difícil, com problemas de aprendizagem e de comportamento. Havia um menino com deficiência auditiva. Era tão difícil, que eu pensava: “Dar aula é isso?” “O que eu fiz da minha vida?” Algo que eu não compreendia estava acontecendo, pois a vice-diretora sempre me falava que sabia que ia ser difícil, mas que eu podia contar com ela. Depois fiquei sabendo que naquela sala havia-se reunido muitas crianças com dificuldades de comportamento e aprendizagem. Ufa! Deus sabe o que eu fiz por ali, por total falta de experiência! Seguia o que as outras professoras estavam fazendo. Ali eu era um aprendiz da prática, utilizando e apreendendo a experiência alheia. Estava feliz, mas desorientada.

Guardo com carinho as lembranças vividas com toda a equipe daquela escola que muito bem me acolheu. Mas vou relatar especialmente a experiência compartilhada com a professora Ieda, no segundo semestre de 2000, no ano 2001 e 2002, e com a professora Ana que ingressou ao grupo. O trabalho era realizado de maneira coletiva, embora eu ainda não soubesse o que isso significasse. E a prática era com projetos de pesquisas, com os temas sobre alimentação, história de Campinas, meio ambiente, e um projeto chamado Memórias. Lembro-me bem de como desenvolvemos cada um destes temas.

A professora Ieda, participava de um grupo de estudos fora da escola, e me incluía em seu trabalho: discutia idéias, entregava-me seus roteiros de projetos e suas aulas preparadas, stêncil, e eu tentava seguir num sistema “siga a seta”, sem saber muito que fazia. Isso me dava uma força muito grande, e me ajudou nos meus “primeiros passos”.

## Roteiro para o trabalho de Ciências

Após a leitura e algumas reflexões sobre a história em quadrinhos do Marquinho, de uma pesquisa para casa; Procurar saber o nome do Bosque do DIC I

Trazida à resposta darei o texto que explica um pouco da vida de Augusto Ruschi, lembrem que ele viveu mais um pouco depois da pajelança, mas morreu um tempo depois de ter concluído suas pesquisas.

Lido o texto os alunos responderão as seguintes questões:

- Conte com suas palavras quem era o Dr. Augusto Ruschi.
- Qual o bicho que ele mais gostava?
- Pesquise e responda: Qual a importância desse animal para a natureza?
- Quais as espécies de beija-flores que aparecem no texto?
- O que aconteceu de grave com o Dr. Ruschi?
- Quais pessoas ajudaram o Dr. Ruschi?
- Pesquise e responda: Onde fica o Xingu?
- Antes de morrer o Dr. Ruschi conseguiu terminar seu trabalho. Qual era esse trabalho?
- Você acha que o nome do Bosque do DIC I foi bem escolhido? Por que?

Todo esse estudo antecede nosso estudo no bosque que envolverá trabalho com todos os sentidos. Devemos levar lápis de cor e papel e se possível tinta para que os alunos tentem pintar a natureza como observam.

No Bosque: fazer um círculo com os alunos no chão e conversar a respeito dos sentidos e ressaltar a importância do uso deles em nosso estudo do meio.

Levantar a normas de conduta no lugar, o respeito com o meio ambiente e limpeza do lugar. Toda coleta de material: seres que já tiveram vida: Folhas secas, caules secos, animais mortos etc deverá ser feita se estiverem no chão, vamos chamar de sucata biológica, os seres vivos deverão ser registrados por escrito ou desenhados. Todos deverão fixar sempre juntos porque a área é grande. Devem também respeitar os funcionários do bosque.

Ainda em círculo levantar o ciclo vital (alimentação, respiração, reprodução, movimento... Distribuir saquinhos plásticos para a coleta de dados – 3 por equipe. Falar do oxigênio e CO<sub>2</sub> e colocar um saco amarrado em uma planta próxima ao círculo dos alunos, prender a base com fita crepe (esta planta tem que estar exposta ao sol). Falar das partes da planta e por onde elas respiram. Os saquinhos devem conter etiquetas de animais, vegetais e minerais. Trabalhar as texturas das diversas folhas encontradas no caminho e as diferenças em seus contornos, recolher amostras. Se encontramos fungos ou casinhas de cogumelos deveremos abordar essa outra classe nem vegetal e nem animal com características de ambos. Atenção para como os animais se adaptam ao ambiente e em quais espaços vivem.

Podemos dar uma dica de uma árvore que conhecemos o nome para que as crianças localizem. Se vimos patos e outras aves aquáticas, lembrar da necessidade que têm de passar a gordura da glândula uropigeana pelo corpo impermeabilizando suas penas. Analisar a nascente que tem no bosque e ver se está poluída, se há peixes e de que espécie, desenhar alguns com os alunos. Ver o modelo da ponte sobre o lago e desenhá-la. Depois poderemos comparar com a ponte Japonesa do Jardim de Monet. Se possível fotografaremos os alunos nela. Encontramos, certa vez, "cascas" de cigarras, pode ser que ainda encontremos essas cascas nas árvores. É legal lembrar que os ovos da cigarra ficam 17 anos sob a terra e depois que os predadores desaparecem eles emergem e rompem, então as cigarras cantam, se reproduzem e chega o dia de sua morte, é uma vida breve. Cada cigarra que nasce esperou dezessete anos para nascer, é preciso respeitar esse ciclo e deixá-las vivas para isso. Voltar para a planta com saquinho plástico e ver o que aconteceu. As gotículas de H<sub>2</sub>O resultam do processo de respiração da planta. Observar os troncos das árvores ver se têm líquens porque se tiver a poluição do ar é menor naquele lugar. Associar os líquens com as algas. Ao retornar para a escola montar painéis com o material coletado e com as pinturas e desenhos. Tentem registrar o máximo para que os alunos tenham tudo em seus cadernos, inclusive as imagens.

\*30/8 - Pique-nique no bosque c/estudo

Leda  
25/10/02

Roteiro de atividades de projeto da Professora Leda

Lembrei-me muito da professora Leda no início do curso de graduação, quando estávamos discutindo sobre a particularidade de que ninguém pode buscar ou estudar, ou tentar apreender um processo pela outra pessoa, pois só agora

percebo que aquele roteiro de pesquisa tinha um sentido para ela, (uma maneira de transmitir o conhecimento de sua prática) e outro para mim (a solução diante das dúvidas e dificuldades que estava enfrentando).

As professoras Ana e Ieda tinham uma prática pedagógica diferenciada, pois realizavam atividades fora da escola e da sala de aula, com materiais e recursos diversificados, e faziam uma grande movimentação quando impulsionadas pelo desejo de atingir algum objetivo proposto em seus projetos de trabalho, e eu as acompanhava. Desde a coleta de sucatas e de papel reciclável para vender e obter dinheiro, a passeios no entorno ou em bosques próximos da escola, e por outros locais culturais de Campinas, a piqueniques em clube com direito a banho de piscina. Ao final de cada trabalho, sempre havia a apresentação do material produzido pelos alunos, em exposição através de uma Mostra de Trabalhos.

Assim eu “nascia” professora, e para Charlot (1977), “nascer é entrar inacabado, em um mundo que já está aí”. Ao discutir sobre os universais da educação, Charlot afirma que “cada um se educa por um movimento interno, o que só pode ser feito por que ele encontra um mundo humano já aí, que o educa”.

Ninguém pode aprender sem uma atividade intelectual, sem uma mobilização pessoal, sem fazer uso de si. Uma aprendizagem só é possível se for imbuída do desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um envolvimento daquele que aprende. Em outras palavras só se pode ensinar a alguém que aceita aprender, ou seja, que aceita investir-se intelectualmente. (CHARLOT, 2005, p 76)

Naquela época, não tinha entendimento do rigor da metodologia de pesquisa, não estudei sobre o assunto, apenas me arriscava a participar do grupo e copiar. Para mim, a prática era desvinculada da teoria. Mas foi através deste processo que me senti impulsionada a aprender e a buscar novos saberes.

Acredito que o destino me proporcionou um feliz encontro no início de minha profissão-professora, pois a alteridade existida entre eu, a equipe gestora, e professoras da escola onde iniciei tiveram um importante papel na minha constituição profissional.

#### **4.4 - Novos encontros**

No ano 2003, solicitei a remoção para uma escola mais próxima de casa, e fui transferida para Emef "Pe Emilio Miotti", onde também fui muito bem recebida. Trabalhei inicialmente com a professora Jô, que tem um espírito pesquisador e aprendo ainda muito com suas práticas pedagógicas, e com a professora Alzira, que divide conosco a sua experiência. Iniciei com uma classe de quarta série pela primeira vez.

No ano 2004 também me foi atribuída uma classe de quarta série. No ano 2005, uma classe de segunda série, alunos ainda em alfabetização. Continuei fazendo aquilo que as outras professoras faziam. Fui perguntando, trabalhando em equipe, tentando descobrir, tentando criar. E as coisas aconteciam agora com mais calma, pois me sentia bem sucedida em minhas buscas e sempre trabalhando com a ajuda de outras professoras, dividindo as tarefas. Mas desde o ano 2001, já havia iniciado um curso de graduação na área da Pedagogia.

## **CAPITULO V - FORMAÇÃO PROFISSIONAL CONTINUADA**

Como já comentei, nos primeiros anos do magistério, não possuía decisão própria e tinha dificuldade nos meus discursos por falta de conhecimento prático e teórico, e nas reuniões pedagógicas, a minha postura era mais ouvir, e pouco me colocar. Na verdade, entendia mais de Conselho Local de Saúde, do que de Conselho de Escola.

Assim que ingressei no ano 2000 como professora efetiva, logo no início fiz um curso de informática na própria escola, oferecido pelo NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional), da Secretaria Municipal de Educação, com duração de alguns meses. Acredito que foi uma atitude de coragem, pois me lembro que para concluir o curso era necessária a aula prática: era eu inexperiente e trinta e três alunos, dentro do laboratório de informática e não me lembro de ter solicitado ajuda. Utilizei a idéia de fazer desenhos para representar a aparente movimentação do sol no céu durante o dia. Foi difícil conseguir o sucesso desta atividade.

Em janeiro de 2001, seis meses após ser efetivada professora, optei fazer o Curso de Pedagogia. Agora eu era mãe, viúva, e com 31 anos de idade!

Fiz a Faculdade de Pedagogia na cidade de Ouro Fino. Minha irmã seria novamente minha companheira, pois já estudava lá. Havia a informação de que seria mais econômico, porem alguns anos depois surgiram novas faculdades em Campinas e região, e o valor do curso ficou equivalente. E surgiu também a oportunidade de fazer o magistério superior pela Unicamp, mas não optei por abandonar um ano e meio que já eu havia cursado. Então, foi necessário muito esforço para conseguir manter o curso com qualidade, pois freqüentar esta faculdade se tornou muito cansativo.

No início do Curso de Pedagogia, tínhamos que nos preparar para provas decorando parte de livros e textos, principalmente na disciplina Psicologia. Mas durante o curso, o MEC visitava a faculdade freqüentemente, e os professores passaram a se qualificar com o curso de Mestrado. A qualidade das aulas melhorou muito, alguns professores apresentaram mudanças visíveis na prática, inclusive na forma de se relacionar com os graduandos. A faculdade recebeu novos professores. Passamos a ser avaliados pela participação na elaboração de trabalhos realizados

através de discussões na sala de aula e da preparação de relatórios de estudo. Passamos a ter aulas com vídeos de entrevistas, palestras com educadores, aulas com textos que realmente nos traziam discursividade e se relacionavam com a prática, aulas que nos obrigavam a estarmos constantemente na biblioteca. As aulas de informática nos foram muito interessantes e desafiadoras, pois aprendemos além de utilizar as ferramentas básicas do computador, também a preparar alguns joguinhos simples para serem usados com alunos em alfabetização.

Posso citar como experiência positiva do curso de Pedagogia, dois trabalhos mais específicos, que produziram a construção de conhecimentos novos para minha prática. Primeiro o "Trabalho de Conclusão de Curso", voltado para o exercício da gestão, onde, em duplas, criamos o projeto de uma escola de educação infantil em todos os seus aspectos, físico, financeiro, e o pedagógico. E os estudos eram também voltados à questão de gestão e ao papel do orientador pedagógico.

No segundo ano do Curso de Pedagogia, elaboramos individualmente uma monografia parcial baseada na leitura e estudo do livro *Meu Professor Inesquecível*, da autora Fanny Abramovich. Tínhamos que escolher um dos textos e discursar com suas idéias. No exercício de relacionar-me com o texto da autora, usando a idéia de outros autores na discursividade, comparando com as minhas opiniões, escolhi o tema que abordava sobre o lúdico no processo de aprendizagem, tema que mais tarde viria, por ironia do destino, ser meu maior desafio na prática.

O curso de graduação durou três anos e meio, terminando em julho de 2004, período em que estava tramitando o Plano de Cargos e Carreiras da SME e por pouco não fiquei excluída deste processo. O diploma só foi reconhecido em abril de 2007, três anos depois. Senti-me injustiçada, pois tendo a graduação recebia durante esse período, quase a metade do salário que as demais professoras graduadas pelo curso de Pedagogia recebiam. Essa injustiça ainda não foi reparada totalmente, e é a luta de um grupo de professores da rede municipal de ensino.

Acredito que o Curso de Pedagogia trouxe parte da teoria da qual necessitava.

No ano 2006, participei de um Grupo de Formação oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas, sobre Brinquedos e Brincadeiras, tendo como companheiras professoras do Ensino Infantil. O curso incluía uma iniciação musical, a confecção de alguns brinquedos interessantes, e o resgate de algumas brincadeiras através da memória de quando éramos crianças. Mas parte do

curso não me trouxe muitas mudanças na prática, pois era voltado para crianças de berçário.

## **CAPITULO VI - MUDANÇAS DE ATITUDES**

No ano 2006 houve uma revolução total na minha prática. Foi-me atribuída pela primeira vez uma classe primeiro ano e eu desejava este desafio. Era o ano que iniciou a escola de nove anos e os ciclos na SME. Das vinte e oito crianças de seis anos, algumas haviam vindo do infantil direto para o primeiro ano, anulando o ano reservado para a pré-escola.

Sentia que ainda não havia diretrizes claras da SME. A gestão da escola afirmava que a alfabetização tinha de ser lúdica e eu também acredito nesta idéia.

Na escola não havia parque, o espaço físico da sala era limitado. A direção comprou carteiras um pouco menores e coloridas para receber as crianças porem alguns eram tão pequenos que ficavam penduradinhos na cadeira.

Eu era séria e exigente. Apenas naturalmente séria. Não acredito que seja indelicada, converso com aluno, tento descobrir suas razões, sou amiga. Mas isso não funciona muito com crianças pequenas, que precisam viver o lúdico.

Era eu tentando falar com a classe e alguns meninos usando a régua e o lápis para brincar de "guerrinha", encostando os objetos em cruz no canto do olho, mirando e disparando seus tiros nos colegas: pichiii... pichiii... pichiii... E as meninas, "conversando" com os lápis e as borrachas; fazendo bonecas com as blusas do agasalho e embalando em seus colinhos. Esses, os quietinhos... E os mais agitados, a rir e andar pela sala, às vezes correr como se estivesse num parquinho de diversões. Havia muitas crianças agitadas nesta sala, e outras com brincadeiras agressivas. Algumas crianças distraídas, como se aquele espaço não fizesse parte de seu mundo. E algumas mães ansiosas. Pânico... Que fazer?

Incrivelmente, tive dificuldade de por em prática toda a teoria que havia discursado em meu trabalho parcial de monografia do curso de Pedagogia. Hoje, em outra visão, utilizaria mais os espaços externos da escola e atividades com pintura e materiais diversificados, para uma exploração maior e direcionada por um projeto de pesquisa científica que abriria um leque de possibilidades, pois conforme nos orienta DEMO (2005, p 78), "pesquisa faz parte de vida criativa em qualquer tempo e em qualquer lugar", e ainda nos indica a importância da pesquisa entre crianças na pré-escola, crianças que apenas brincam:

No ambiente lúdico da criança é possível visualizar atitude de pesquisa e fomentá-la via processo educativo, como postura de questionamento criativo, desafio de inventar soluções próprias, descoberta e criação de relacionamentos alternativos, sobretudo motivação emancipatória a partir de um sujeito que se recusa ser tratado como objeto. (DEMO, 2005, p. 78)

Por trabalhar anteriormente com turmas de segunda série por três anos, já havia lido textos e participado de grupos de estudos cujo tema foi alfabetização e letramento e não queria iniciar meu trabalho de alfabetização pelo tão mal falado método tradicional. Para tanto, esperava aceitar o desafio de exercer o início da prática como professora alfabetizadora, rompendo com o uso de tal método, aderindo a essa nova concepção da questão metodológica para alfabetização escolar:

Assim, se no modelo tradicional o método era escolhido em função das concepções sobre o processo de aprendizagem (analítico ou sintético), agora as práticas pedagógicas são elaboradas, inicialmente, a partir dos referenciais sociais e das contribuições das áreas auxiliares de conhecimento, como a Lingüística e a Psicologia. (LEITE, 2005, p.38)

Mas agora, chegando o momento, por onde começar? O que fazer? Primeiramente, foi um ano de muita leitura, muita pesquisa na internet, livros, vídeos, muita busca pelo conhecimento do processo de alfabetização e letramento. A orientadora pedagógica da escola me forneceu fitas e livros para eu estudar. Em sites, blogs e livros, procurei informações: textos, artigos, modelos de aulas, atividades e brincadeiras que me auxiliassem. Passei quase que o ano pesquisando músicas; cantei demais. Avalio que deveria ter usado mais textos de jornais e revistas infantis, e mais jogos coletivos, pois a maioria que utilizei eram jogos realizados com todo o grupo e dirigidos por mim.

Através do texto de músicas, de poesias, de brincadeiras, de adivinhas retirava, junto com os alunos, palavras para o estudo. Brincava de “preguicinha”, de adivinha o que é? Não usei a silabação, mas usei o valor sonoro das sílabas nas palavras de textos. Construimos textos coletivos, a partir da reprodução de histórias contadas, ou não, e acredito que esta atividade amplia as possibilidades dos usos lingüísticos da escrita.

Para Leite (2005), uma das condições institucionais para o processo de alfabetização escolar é que o trabalho de todos professores seja planejado e desenvolvido a partir de diretrizes teórico-pedagógicas comuns, desde a pré-escola até a última serie envolvida, por exemplo:

...assumir a proposta de que o trabalho na área deve priorizar sempre o texto, como ponto de partida e de chegada, é uma diretriz necessária e fundamental para o desenvolvimento de um projeto moderno na área de Língua Portuguesa... (LEITE, 2005, p.40)

Foi um ano que elaborei minhas próprias estratégias, não copiei o que as outras professoras faziam. A outra turma de primeiro ano era no período da tarde, havia integração entre eu e a outra professora: porem era a primeira vez das duas! Um ano de sofrimento e muita oração. Talvez de desespero por que trabalhava muito, pesquisava e preparava atividades mil para a classe, e em relação ao comportamento, não via resultados aparente no envolvimento da turma. Muitas vezes saia chorando da sala de aula, entrava na sala da orientadora pedagógica, ela perguntava o que poderia fazer por mim, e eu dizia: - Nada... apenas me escuta! Então ela me ouvia e orientava, e dividir preocupações é uma atitude necessária e favorável. Fiquei esgotada física e mentalmente. Mas as crianças aprenderam... E eu também!

Compreendi, errando e percebendo o erro, como deveria proceder para lidar com mães ansiosas. Durante um período, enviava bilhetes constantes sobre comportamentos indevidos ou distração dos alunos, esperando que uma conversa dos responsáveis, mudaria a conduta em relação ao compromisso com a escola! Lógico que isso ajuda muito, quando os responsáveis já possuem certa orientação para um hábito educativo favorável. Mas não funciona quando os responsáveis estão desorientados dentro do processo educativo. Depois, descobri que o bilhete é a pior arma que podemos usar contra o processo de interação família e escola: apenas irrita as mães, que não conseguem entender a mensagem que deveria ser discutida e planejada com calma e dentro de um processo de participação mútua. Hoje, tenho a maior cautela com os bilhetes, atendo mães na escola após o meu horário de serviço, se for para ter momentos de esclarecimentos e de orientação produtiva.

Na primeira reunião de Conselho de Classe, me senti vitoriosa, pois já entendia o processo da aquisição da linguagem escrita, conseguia definir o desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno, ou seja, o que já havia construído e o que faltava aprender no processo da alfabetização. Mas nas outras duas reuniões de Conselho, já estava muito esgotada. Neste ano a avaliação passou a ser registrada de maneira descritiva e não mais por atribuição de notas. Ajudou-me examinar novamente toda teoria de Emilia Ferreiro e Piaget, retomando o curso de Magistério.

Senti-me feliz quando a orientadora pedagógica comentou ter observado que durante o trabalho desenvolvido com esta turma, apesar das dificuldades, eu não desisti de nenhum dos alunos. Palavras às vezes são muito bem vindas! Isto me fez refletir sobre a importância que existe na confiança que você deposita na capacidade do aluno, que percebe o que você espera dele. Se você não esperar nada, ele sentirá o comprometimento de nada oferecer. Ao final do ano, avalio que foi positiva a construção da escrita e leitura, mas que poderia ter sido um processo mais lúdico. Boa parte dos alunos estava alfabetizada.

No ano 2007, eu estava ansiosa por novamente trabalhar com um primeiro ano, mas a orientadora pedagógica me sugeriu atribuir-me uma quarta série, o que foi de grande sabedoria. Tive um ano de trabalho bem tranquilo, com uma turma que já havia trabalhado em 2005. Dois dias da semana, dividíamos as turmas de alunos, eu e a professora Alzira, por critérios de nível de aprendizagem (cognitivo). Havia dois adolescentes, um de treze e outro de quatorze anos que vieram transferidos de outras escolas, com necessidade de certa atenção especial, tanto na orientação para a vida, como na aprendizagem escolar: não eram acompanhados pela família, e já apresentavam problemas sociais; mas o relacionamento foi positivo

No ano 2008, novas mudanças de atitudes. Senti a realização profissional. Foi-me atribuída duas classes mistas, com 22 alunos de segundo ano, e 7 alunos de terceiro ano, cada uma. Explicando: dividíamos as classes nos dias da semana, eu e a professora Eliana. Desenvolvia a Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências ela, a Matemática, História, Geografia e Ciências. Dos alunos que faziam parte do terceiro ano das salas mistas do ano 2008, seis deles foram da turma que trabalhei no primeiro ano de 2006. Todos terminaram o terceiro ano alfabetizados, e apenas dois com um pouco mais de dificuldade. Tive a

oportunidade de acompanhar estes alunos pelo Ciclo I e II, não lecionando a eles somente no segundo ano.

Com o início do Curso de Pós Graduação “A pesquisa e a tecnologia na formação docente”, trabalhamos na prática a elaboração do “Projeto de Pesquisa Científica”. Não foram os alunos que escolheram o tema para a pesquisa, pois o curso começou em abril, mas o estudo sobre “As obras e a vida de Monteiro Lobato”, trouxeram grandes oportunidades para desenvolver o Projeto de Pesquisa Científica de uma maneira fantástica: as crianças se envolveram, um assunto aproximava outro, as histórias trouxeram muito conteúdo, houve a possibilidade de trabalhar de maneira interdisciplinar, encontrou-se grande quantidade de material disponível para pesquisa, entre livros, vídeos, literatura de cordel, figuras, gibis, internet e a própria mídia. O trabalho desenvolvido foi apresentado no 17º Congresso de Leitura do Brasil, (COLE) realizado na UNICAMP em Julho de 2009, e através das experiências vividas pelo grupo de alunos e professores, escrevi o artigo transcrito abaixo na íntegra.

## **CAPÍTULO VII – TRABALHO APRESENTADO NO 17º COLE**

### **7.1 - Introdução**

O conteúdo selecionado para leitura em sala de aula é uma questão conflitante. Se há a necessidade de desenvolver a habilidade, ao mesmo tempo há a necessidade de promover um hábito que seja um ato prazeroso, e que provoque a autonomia para novas investigações. Há ainda a necessidade de garantir que este ato proporcione o contato com a cultura e com o saber. Sobre as obras de Monteiro Lobato, podemos afirmar a riqueza do conteúdo ali exposto, por se fundamentar no conhecimento de mundo através da fantasia e imaginação. São porém, histórias longas e com poucas ilustrações. A investigação ocorre em dois ângulos: 1 - O que oferecer ao aluno sobre o tema? Como escolher e organizar o conhecimento encontrado nas obras sendo estas tão extensas? 2 - Como oferecer? As crianças pequenas irão se interessar pela obra de Monteiro Lobato? Que estratégia utilizar para seduzi-las e instigar o interesse pelo assunto?

Este artigo relata a experiência ocorrida com um grupo que se propôs realizar um Projeto de Pesquisa Científica, elegendo como tema, as obras e a vida de Monteiro Lobato. Um grupo formado por 54 alunos em alfabetização, de salas de

aula mistas do segundo e terceiro anos do Ciclo I do Ensino Fundamental, sendo 29 da turma B, e 25 da turma C, professoras e uma estagiária, que adotaram o objeto de estudo com encantamento, como uma fonte de aprendizado e enriquecimento cultural. Segundo Martin Heidegger "...fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma" (apud. LARROSA: 2002).

O Projeto de Pesquisa Científica foi orientado pelo Curso de Especialização "Novas Tecnologias na Educação e a Formação do Professor Pesquisador", UNICAMP, Faculdade de Educação,<sup>1</sup> e desenvolvido na Emef "Pe Emilio Miotti", Prefeitura Municipal de Campinas, no ano 2008.

O objetivo proposto foi estimular a curiosidade e desenvolver a leitura como um ato prazeroso, considerando-a como instrumento para a aquisição do conhecimento e da cultura, e o facilitador para o prosseguimento do processo de aprendizagem escolar, utilizando as obras de Monteiro Lobato.

O processo de investigação de nossa pesquisa ocorreu nas Turmas B e C de maneira paralela, quase ao mesmo tempo, mas por se tratar de duas turmas, em cada uma criaram-se, em cada momento, diferentes reações ao objeto de estudo.

[...] a experiência é o que nos passa, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (LARROSA, 2002).

## 7.2 - Metodologia

O início dos trabalhos ocorreu no mês abril de 2008. Escolhido o tema, a idéia era fazer um "projeto". Mas, o conceito ou a idéia de "projeto", não existia com clareza. Houve uma mudança de atitude nas práticas pedagógicas, através das leituras e discussões da disciplina "A Pesquisa Científica como Instrumento Pedagógico"<sup>2</sup>, do Curso de Especialização. O projeto passa a ser "Projeto de Pesquisa Científica". Antes das discussões acadêmicas, seria planejado como um

---

<sup>1</sup> Curso de Especialização coordenado pela Profª Drª Afira Vianna Ripper.

<sup>2</sup> Disciplina orientada pela Professora Maria Thereza Alexandre, Mestre em Educação.

pacote de atividades, não vinculadas à pesquisa. Seria de caráter informativo, atendendo as dúvidas e ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

A experiência “do outro”, o conhecimento desvelado em um assunto escrito, nos incorpora, e nos ajuda a recriar, a observar aquilo que não percebemos. E o que encobre nosso olhar sobre nossas práticas pedagógicas? O que nos faz cair na rotina que não recria, mas que também não é sequer percebida? Sugiro aqui a incorporação de uma “alma” de professor pesquisador. Para tanto, novos artigos, novas trocas de experiências, buscas. Livros, internet, filmes, revistas.... Um professor em busca do saber, e o objeto de estudo: vida e obras de Monteiro Lobato.

Na biblioteca da escola, ainda sem os alunos, o contato com vários livros de Monteiro Lobato. Na Internet, sites relacionados às suas obras, pesquisas acadêmicas, e projetos realizados em outras escolas. Projetos estes que jamais poderiam ser copiados, pois pertencem à outra realidade, outras dúvidas, outro pensar. Outro grupo... Outro caminhar... Conforme afirma Bakhtin: "A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais" (Apud FREITAS, 1994, p. 128).

Existiam as hipóteses ou certezas temporárias. Certeza da riqueza das obras de Monteiro Lobato. Certeza de que os alunos não a conheciam. Certeza de que havia a possibilidade de trabalhar de maneira interdisciplinar. Certeza de que seria necessário explorar o que a mídia oferece, de maneira crítica, e também se aproveitar da decoração através das artes, pois os alunos gostam de tudo o que é alegre e colorido. E de que processo deveria ocorrer em constante avaliação e ser flexível.

A primeira atitude foi realizar um levantamento se os alunos sabiam o que era uma pesquisa científica e como ela deveria acontecer. Foi então, explicado o rigor da metodologia de pesquisa, pois dentro do tema “Obras e vida de Monteiro Lobato”, estaríamos elegendo o que queríamos pesquisar, levantaríamos as possíveis hipóteses para nossas dúvidas, faríamos a investigação com o registro, e depois compararíamos o conhecimento descoberto com aquilo que supúnhamos ser a verdade. As possibilidades eram expostas e eles escolhiam o que aprender.

Começamos o estudo sobre a biografia de Monteiro Lobato. Na turma C, os alunos levantaram hipóteses, as quais foram registradas: Monteiro lobato já

morreu? Como ele morreu? Quando ele nasceu? Quantos anos ele tinha? Lemos então a biografia e fizemos contas para explicar as perguntas realizadas.

No laboratório de informática utilizamos os sites [lobato.globo.com](http://lobato.globo.com), [www.projetomemoria.art.br](http://www.projetomemoria.art.br), [sitio.globo.com](http://sitio.globo.com). Foram vários dias de pesquisas nestes sites. Os alunos liam os conteúdos e anotavam dados da biografia de Monteiro Lobato, como o nome completo, onde e quando ele nasceu, localização da cidade natal. Após a explicação do que era uma síntese, registraram as características dos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo, e a qualidade do trabalho realizado pelos alunos que já estavam alfabetizados superou as expectativas. Anotaram também as histórias de Dona Benta que já conheciam. Ao final das aulas “brincavam” nos jogos disponíveis nestes sites.

Como trabalhamos a biografia, discutimos também o que é uma autobiografia. E as hipóteses dos alunos: É alta? É uma história grande? Um monte de pessoas escrevendo de uma só pessoa? Após a explicação, eles anotaram: “é uma pessoa escrevendo da vida dela mesma”. Orientados e após ouvir a autobiografia da professora, fizeram sua autobiografia.

Para produzir textos, utilizamos figuras de cenas das histórias, através de cópias reproduzidas de obras de Monteiro Lobato retiradas da internet. Para atividade de leitura utilizamos textos sobre os personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo, escritos na primeira pessoa. Os alunos leram dramatizando e depois escreveram sobre esses personagens com a ajuda de um roteiro.

Trabalhamos com a letra da música de abertura da versão do Sítio do Pica Pau Amarelo para televisão, estudando sobre estrofes e rimas, e ilustrando. Cantamos várias vezes.

Após assistirem ao filme “As histórias de Tia Nastácia” na versão antiga de 1978, comparamos os personagens da versão antiga com a atual, dialogando. Escrevemos um texto sobre o que mais marcou do filme e ilustramos.

Manuseando vários livros das obras de Monteiro Lobato, retirados da biblioteca da escola, escolheram por votação um para leitura/conto. Na turma C, venceu “As História de Tia Nastácia”, pois os alunos relacionaram com o filme que haviam assistido; na turma B, empatou “O Pica Pau Amarelo” e “As Histórias de Tia Nastácia”, e finalmente venceu também “As Histórias de Tia Nastácia”. Os alunos das duas turmas anotaram os nomes dos livros e os dados da votação.

Iniciamos a contagem das histórias por capítulos. O processo ocorreu assim: com a luz apagada, cada capítulo do livro era lido pela professora; as crianças levantavam a mão para participar e comentar dúvidas que eram anotadas na lousa. Após a leitura recontava dramatizando a história de forma resumida, em palavras próprias, como eles diziam, “fazendo expressão oral”. Discutíamos as dúvidas ou os novos conhecimentos; às vezes usando o dicionário para auxiliar. Fazíamos um roteiro dos acontecimentos na lousa, utilizando palavras chaves. As histórias foram contadas de maneira semelhante à de Dona Benta:

No processo de *oralização* das histórias lidas, Dona Benta não só traduz a história, mas também explica certos termos intraduzíveis, modifica certas situações e usa artifícios para despertar o interesse de todos. Agindo assim, contextualiza a narrativa e instaura alternativas para que, durante a leitura oral, se crie uma participação compartilhada por um grupo que ouve a leitura de forma atenta e interessada. (VIEIRA, 2008, p.175)

Na turma C, ao ler o “Capítulo I – As Histórias de Tia Nastácia”, discutimos sobre o que é folclore e no “Capítulo II - O bicho Manjaléu”, um aluno reconheceu o personagem Príncipe Escamado, e disse que já conhecia a história. Na turma B, fizeram perguntas a respeito das palavras: dicionário, manjaléu, gamela, prosa. Anotaram suas dúvidas e utilizamos então o dicionário coletivamente.

Na história do Capítulo III – O Sargento verde, na turma C surgiu como dúvidas: O que é um Sargento? É uma polícia que manda? O que é história fixa? O final da história é o começo do filme? No final da história diz que é uma “história sem pé e nem cabeça”, e as crianças concordaram que a história não tinha sentido.

Na turma C, ao ouvir o final da história do Capítulo IV das Histórias de Tia Nastácia – A Princesa Ladrona, um aluno “afirmou” que o Monteiro Lobato era racista, ao analisar a fala da boneca Emília: “– Pois cá comigo – disse Emília – só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto, não gosto...” (p.19). Discutimos os diferentes costumes sociais, nas diferentes épocas e que Monteiro Lobato escrevia as histórias em outros tempos, numa sociedade diferente da atual, pois hoje existem leis contra atitudes discriminatórias. E que havia estudos disponíveis na internet sobre esta questão.

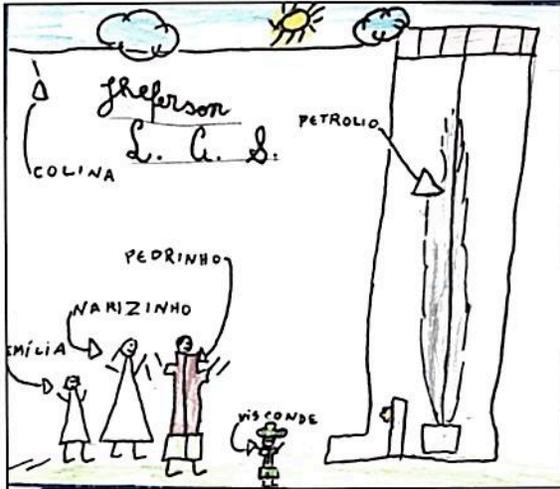
Através de cópias de figuras, retiradas de uma revista de passatempos, reproduzidas e coladas no caderno, escrevemos coletivamente as características dos personagens do sítio. Foi um trabalho realizado em vários dias. O texto que pesquisamos na internet foi impresso na intenção de usá-lo para preencher nossas discussões e era lido aos alunos. Então, eles construíam oralmente as frases que queriam escrever, discutiam e votavam como queriam o registro da escrita. Os personagens que utilizamos para a produção escrita de suas características foram: Emília, Conselheiro, Pedrinho, Narizinho, Tio Barnabé, Cuca, Rabicó, Dona Benta e Visconde.

Na turma C, quando estávamos lendo e escrevendo sobre a Dona Benta, chamou a atenção dos alunos o fato de que ela tinha ficado rica por que encontraram petróleo no Sítio do Pica Pau Amarelo. Surgiu a necessidade de pesquisar sobre o petróleo. As dúvidas e o levantamento das hipóteses foram registrados na lousa e através de um roteiro realizaram a pesquisa em casa. O que é petróleo? Como surgiu o petróleo? Para que serve o petróleo? Onde pode existir petróleo? Por que o petróleo é valioso? Perguntaram se existe petróleo no Primec, que é o Centro Comunitário para crianças e jovens do Jardim Santa Lucia, patrocinado pela Petrobrás. No bairro existem oleodutos da Petrobrás.

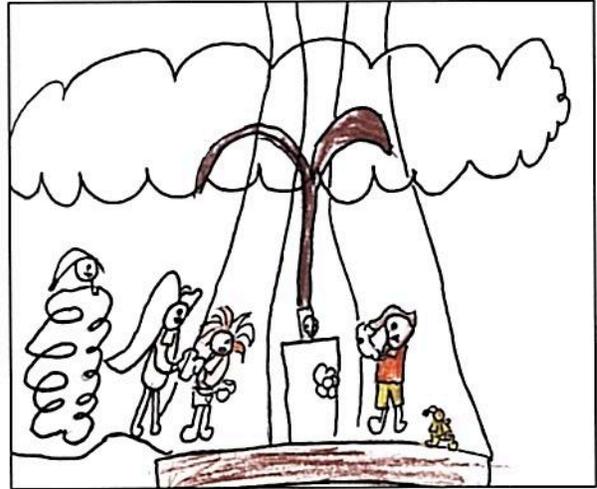
Ao assistir o filme "O poço do Visconde" foi proposto que, caso quisessem, poderiam anotar as dúvidas, durante o filme. Surgiram dúvidas da área de geografia/geologia. Na turma B, nem todos os alunos quiseram anotar.

Pesquisamos em vários livros e encontramos fotos de vulcão em erupção, o desenho da crosta terrestre e seu interior, mapas sobre onde encontramos o petróleo no Brasil, desastres ecológicos causados pelo petróleo, fósseis e a origem do petróleo. Com xérox colorida montamos um cartaz. Ainda, com a ajuda do dicionário, foram impressas em tiras de papel, em tamanho grande, cada um dos significados de cada uma das dúvidas, e fixadas misturadas na lousa. Com uma tabela das dúvidas fomos encontrando a resposta para cada uma. A participação na leitura das tirinhas de papel para descobrir as respostas foi grande. Ainda em continuidade ao filme, produziram um texto individual e fizeram a ilustração.

TRABALHOS SOBRE O FILME "O POÇO DO VISCONDE"



Jheferson



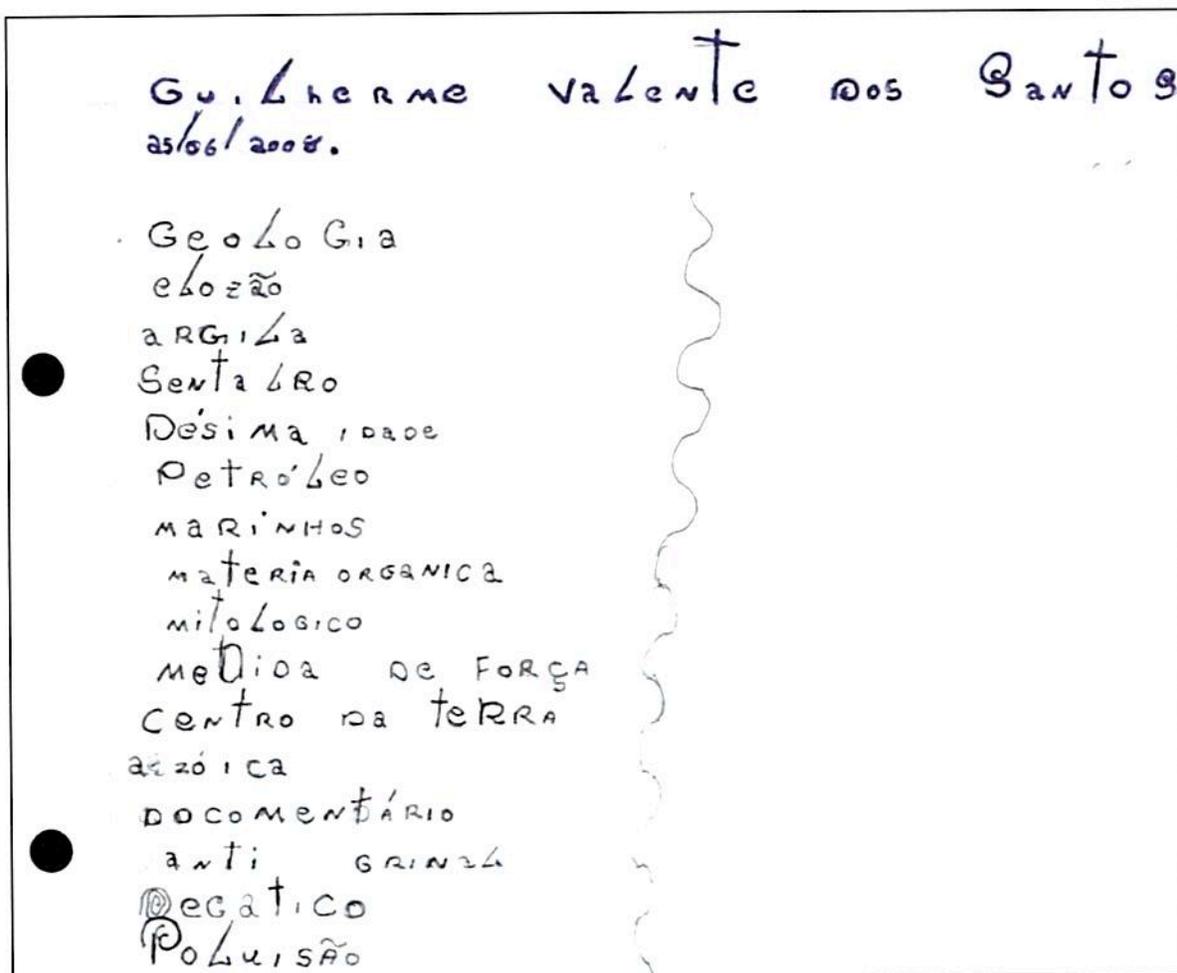
Nicolle



Julio



Marcos



Anotações realizadas durante o filme - Guilherme Valente

No final de julho, iniciamos a leitura do livro "O saci" lembrando dos personagens fantásticos do folclore brasileiro. Os capítulos eram lidos com o ritual da luz apagada, anotação das dúvidas levantadas e recontagem dramatizada.

Valorizando o saber, o livro proporcionou discursividade às aulas, com temas que despertam a curiosidade e a motivação dos alunos da faixa etária entre sete e oito anos, pois conforme destaca estudos referidos à obra:

"[...] valendo-se do Saci como "professor", Lobato inclui, de maneira didática, quase enciclopédica, animais típicos de nossa fauna – a onça, a sucuri, a cascavel, alguns insetos e espécies vegetais, além de discussões filosóficas entre Saci e Pedrinho". (CAMARGO, 2008, p.93).

Combinamos que cada um iria editar e ilustrar livros semelhantes ao do Monteiro Lobato, reescrevendo as histórias. Em alguns momentos esta atividade nos

pareceu dificultosa, devido à extensão e complexidade de informações existentes nos capítulos; exigindo a elaboração de diferentes estratégias para sua efetivação, mas constatamos sucesso durante o processo e em sua finalização.

A escrita ocorria capítulo por capítulo individualmente, quando escreviam o texto que era corrigido e reescrito; ou coletivamente quando discutiam e criavam o texto que era anotado na lousa e copiado na página do livro. Algumas vezes, os alunos que demonstravam mais dificuldades trabalhavam em grupo de quatro e eram sempre auxiliados. A correção de cada texto acontecia na presença dos alunos. Neste processo, houve o auxílio da estagiária Vanessa, ou da professora Fátima. A escrita dos alunos que apresentavam dificuldades se desenvolveu, pois não queriam ver o livro atrasado. Cada aluno editou o seu livro de forma diferente.

Na ilustração de alguns capítulos, utilizamos cópias de figuras de uma versão do livro encontrado na íntegra na internet. Outros capítulos foram ilustrados pelos alunos. Eram os autores e os ilustradores. O livro possui 28 capítulos, mas o tempo só nos permitiu trabalhar até o 12º capítulo.

Cada capítulo foi trabalhado da seguinte maneira:

Capítulo I - Em férias: relata que a Narizinho havia escrito uma carta ao Pedrinho para convidá-lo a passar as férias no sítio de Dona Benta. Construímos coletivamente a escrita de uma carta, na voz de Narizinho. Os alunos levantaram hipóteses e descobriram como escrever uma carta: que cidade deveriam colocar (onde está o Sítio do Pica Pau Amarelo), onde colocar o nome de quem vai receber a carta, de quem a envia e a despedida.

Capítulo II – O sítio de Dona Benta: trata-se de uma descrição de como é o sítio de Dona Benta: o jardim, o pomar, a casa. Na turma C, as dúvidas anotadas foram: o Visconde era Cômodo, ou seja, tranqüilo; ou que era içá; musgos, líquens e parasitas. Criamos um texto coletivamente. Antes de escrevermos, fizemos na lousa um roteiro sobre o que foi relatado no texto: os cômodos da casa e os móveis e objetos, as plantas do jardim, as árvores do pomar, os passarinhos, os peixes do ribeirão. Os alunos anotaram o roteiro. Comentando sobre cada tópico e elaborando as idéias o texto foi surgindo na lousa e depois anotado na página do livro.

Na turma B, as dúvidas encontradas: pilhava, içás, musgo, líquens. Anotamos os significados, retirado de um dicionário. Houve mais entusiasmo nesta turma e discutimos um pouco sobre o ambiente do sítio e o ambiente da cidade.

Este capítulo foi lido várias vezes, e através dele a pesquisa continuou no jardim da escola, e no Zoológico de Americana/SP.



Com os nomes dos pássaros que existiam no pomar do sítio de Dona Benta, organizamos uma cruzadinha. Pesquisaram fotos e informações sobre os estes pássaros. Observando as fotos que os alunos trouxeram, outras que foram impressas da internet e pesquisadas em livros, desenharam os bichinhos que tinham no jardim, no pomar, no ribeirão e montamos um painel ilustrativo do sítio de Dona Benta.

O SÍTIO DE DONA BENTA - CACA PALAVRAS

J	A	T	L	C	O	*	T	I	C	O	C
O	B	S	A	B	I	A	C	D	E	F	A
Ã	P	A	P	A	*	C	A	P	I	M	N
O	G	I	H	I	J	K	L	M	N	O	Ã
*	P	R	O	L	I	N	H	A	G	Q	R
D	R	A	S	T	U	V	X	Y	R	W	I
E	X	A	B	C	D	E	F	G	A	H	O
*	I	J	K	L	T	I	Z	I	U	M	*
B	N	O	P	Q	R	S	T	U	N	V	D
A	X	C	O	R	R	U	I	R	X	X	A
R	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	*
R	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	T
O	U	T	T	É	*	S	A	N	G	U	E
X	V	S	A	N	H	A	Ç	O	X	Z	R
Z	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	R
P	I	N	T	A	S	S	I	L	G	O	A

**PESQUISAR SOBRE OS PÁSSAROS DO SÍTIO DE DONA BENTA:  
 PROCURE FOTOS E INFORMAÇÕES SOBRE OS PÁSSAROS  
 ABAIXO:**



- SABIA DE PEITO VERMELHO
- SANHACO DE COR CINZA CLARO
- SAÍRA AZUIS
- GRAÚNA PRETISSIMAS
- CANÁRIO DA TERRA
- PAPA CAPIM
- TIZIU
- PINTASSILGO
- ROLINHA
- CORRUÍRA
- TIÉ-SANGUE
- TICO TICO
- JOÃO DE BARRO

Cruzadinha criada a partir do texto



Pássaros, peixes e bichinhos.

Capítulo III – Medo de Saci: discutimos oralmente sobre o texto que trás o nome de alguns animais selvagens que há na mata virgem. Criamos um texto coletivamente.

Capítulo IV – Tio Barnabé: o texto fala pouco sobre o personagem Tio Barnabé, mas fala muito sobre seu conhecimento e suas experiências com Sacis. Escrevemos o texto individualmente, com a direção de um roteiro anotado na lousa: Quem é Tio Barnabé? Onde ele mora? O que ele falou sobre os Sacis? A história foi recontada respondendo as perguntas elaboradas como roteiro.

Capítulo V – “Pedrinho Pega um Saci”: anotamos na lousa uma receita, ou seja, todos os “ingredientes”, que o Tio Barnabé disse que Pedrinho iria precisar para caçar um saci. Os alunos só precisaram montar as frases para formar a história individualmente.

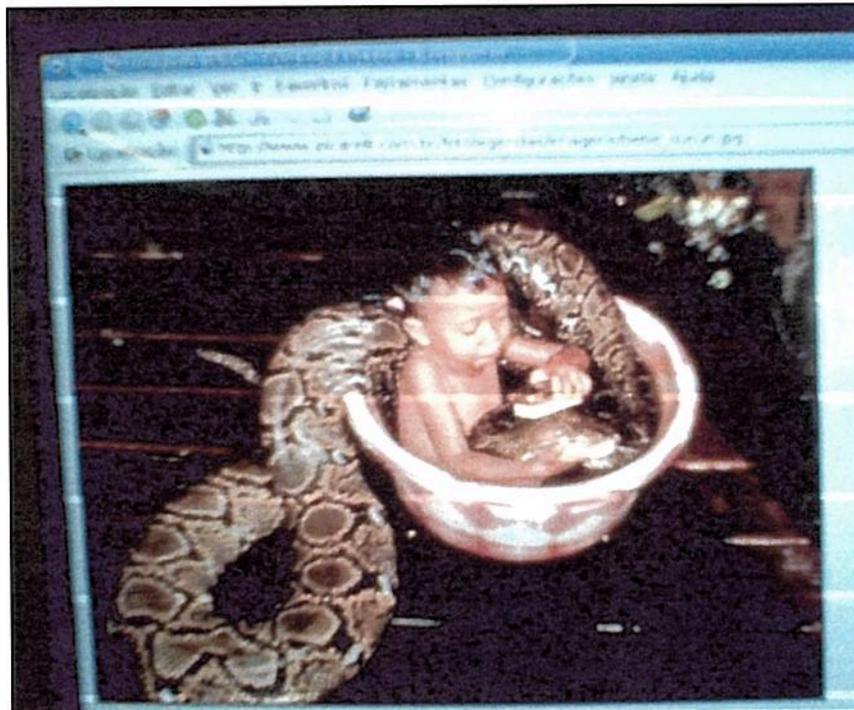
Capítulo VI – A modorra: significa quando o olho fica cansado de sono, num dia quente, á tarde; palavra nova, que os alunos incorporaram em suas falas. Este capítulo destaca o que existe na mata virgem, e foi o motivo da criação de um de nossos painéis: pássaros, borboletas, macaquinhos, árvores enormes, cipós, musgos, taquaraçus, samambaiaçus. Desenharam sacis, os animais que tinham na mata virgem.



Capítulo VII – A sacizada: lenda de como os sacis nasce, crescem, vivem.

Capítulo VIII – A onça: pó de mico, vagens, árvores grossas e esquias: guarantãs, jacarandás.

Capítulo IX – A sucuri: cobra que comeu um boi. A muçurana, cobra que come outra cobra e corria atrás de uma cascavel. Fizemos uma pesquisa sobre sucuri, cascavel e muçurana na internet.

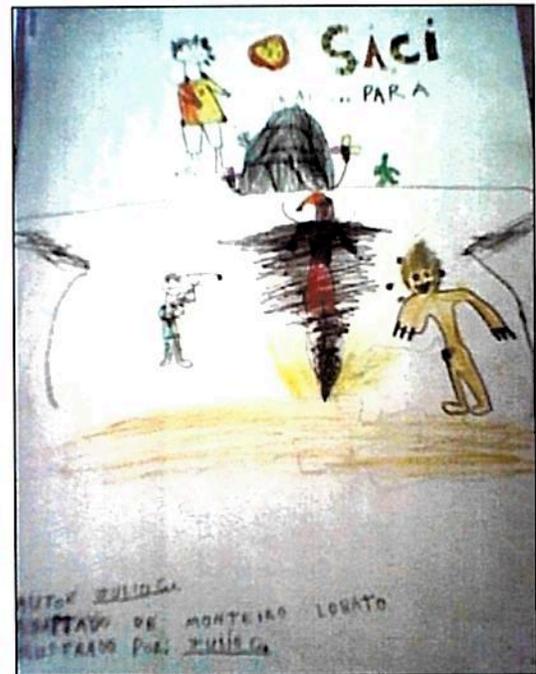
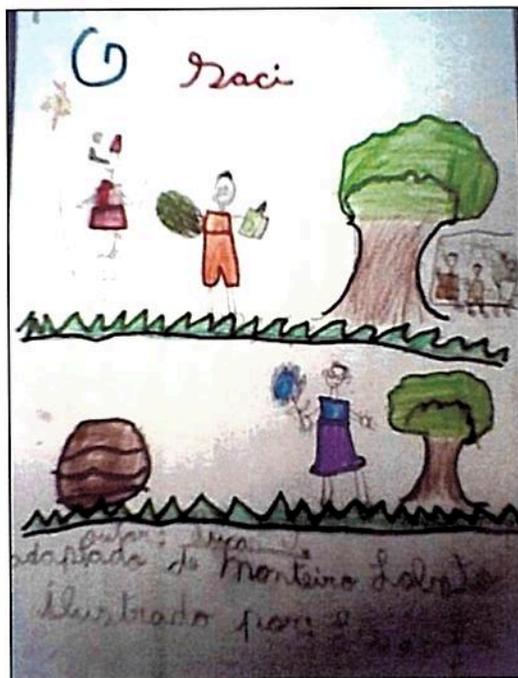


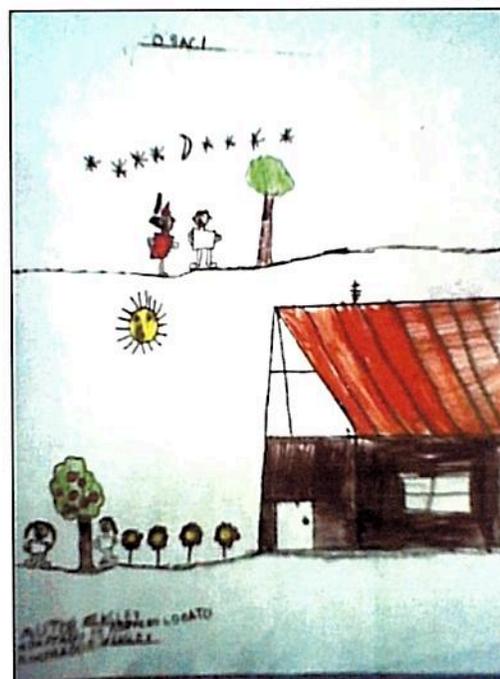
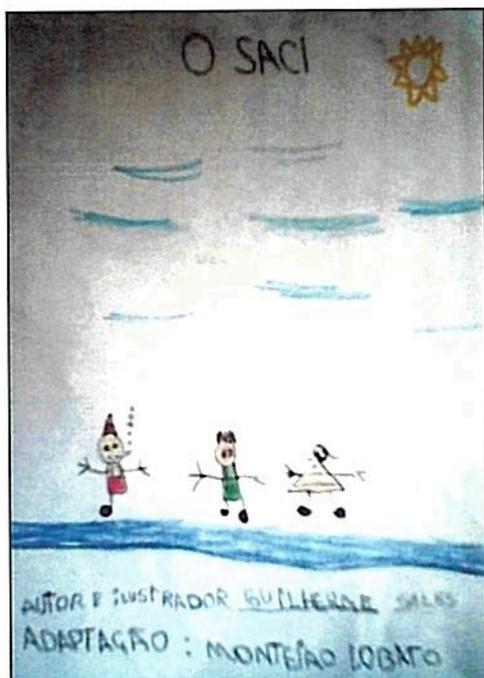
Capítulo X - A floresta – produção de texto individual. Insetos que se camuflam para garantir a sobrevivência. Lei da sobrevivência: mais fortes ou mais espertos.

Capítulo XI – A discussão: Monteiro Lobato discute através do Pedrinho e do Saci a perfeição da natureza, citando aspectos como moradia, aviação. Discute a soberania da natureza em relação às atitudes e descobertas do ser humano.

Capítulo XII – O jantar: o Saci se propôs a fazer um jantar para o Pedrinho, utilizando um toque de magia e imaginação na maneira como age para conseguir os ingredientes: palmito tirado de uma palmeira através de um besouro serrador, casca de tatu usada como panela, água retirada dos taquaraçus, mel para temperar, e fogo do pitinho. Após a leitura, fizemos um texto coletivo.

Paralelamente à leitura dos primeiros capítulos do livro, os alunos assistiram ao filme “O saci”, do Sítio do Pica Pau Amarelo, versão atual, e desenharam sobre o filme e produziram um texto. Este desenho seria a capa do livro que estavam editando, portando foram orientados a escreverem os seus nomes como autor e ilustrador.



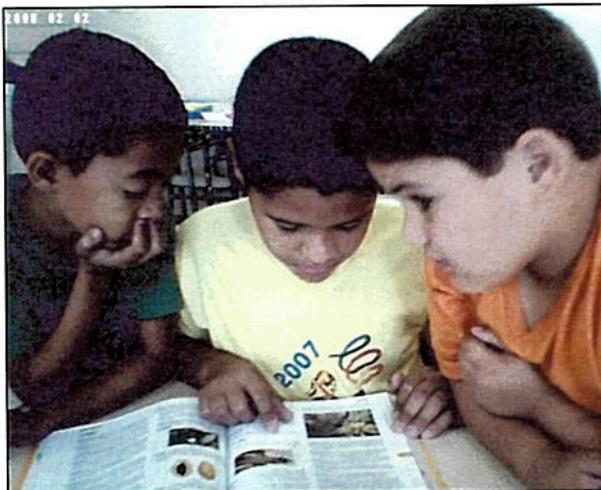
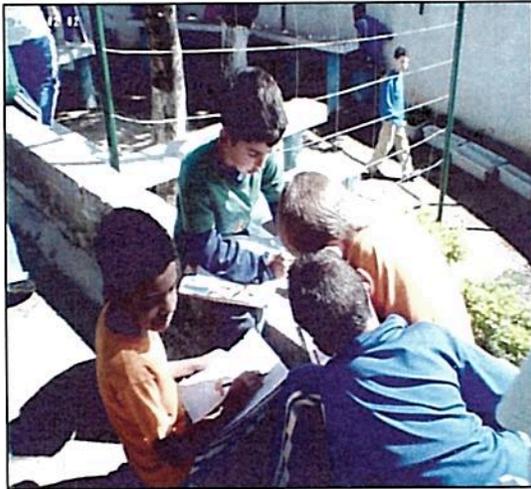


Capas dos livros "O Saci", adaptados de Monteiro Lobato, produzidos pelos alunos.

Na semana das crianças houve uma gincana na parte externa da escola e os alunos colocaram a atenção no jardim e parte da grama, pois encontraram cogumelos, líquens e orelhas de pau, como nas histórias do livro "O saci".

Pesquisamos então, todo o jardim da escola. Primeiro a turma B. Sem que eu solicitasse, parte dos alunos saiu com o caderno e lápis nas mãos para fazer as anotações. Mostraram-me com entusiasmo: um ninho de João de barro, orelhas de pau, líquens, musgos, vagens, flores.

A turma C logo no jardim interno, já foi fazendo observações: nas árvores têm vegetais parasites. Não precisei solicitar que anotassem, a atitude partiu deles. Um dos alunos estava com um livro tipo dicionário ilustrado e quando eles voltaram para a sala de aula debruçaram sobre este livro e começaram a ler sobre assuntos que já havíamos visto nos textos de Lobato.



Ainda como parte das atividades programadas sobre o tema de estudo, fizemos várias cruzadinhas, caça-palavras, diagramas relacionados às características dos personagens, os pássaros do pomar de Dona Benta, o que tinha

na mata virgem, coisas que a Cuca gosta. Com massinha de modelar, fizeram os personagens do sítio e do folclore brasileiro. Com tinta guache realizamos a pintura livre e também através de figuras reproduzidas dos personagens do sítio.

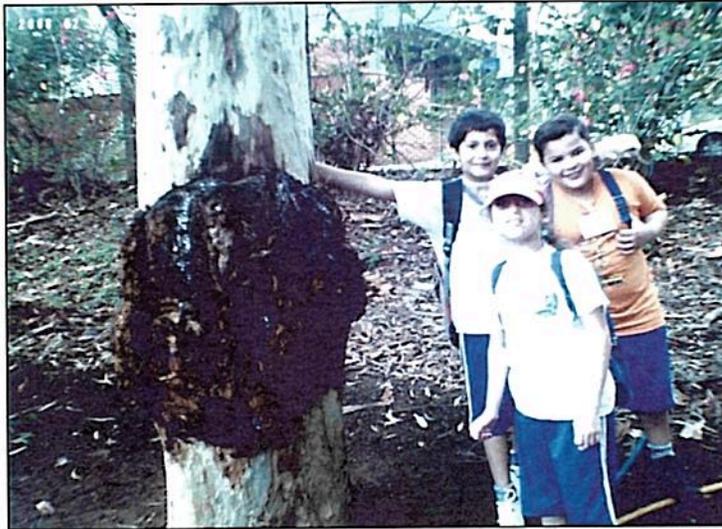




Ao visitarmos o Zoológico da Cidade Americana, as crianças traduziram em suas observações saberes que haviam adquirido ao ouvir as histórias do livro “O Saci”. Saberes sobre animais, as árvores, a vegetação, taquaraçus, mel, onça, líquens, parasites.



Taquaraçus... Será que tem sacis?????



Colméia de abelhas...quanto mel !!!

Finalizando o Projeto de Pesquisa Científica, organizamos todo o material produzido, livros, cartazes, anotações registradas de hipóteses e pesquisas, e apresentamos em duas mostras de trabalhos, parcialmente em setembro na escola, e em novembro na Feira Científica promovida pela FE-Unicamp e Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Os alunos tiveram a oportunidade e fazer a “publicação” simbólica dos livros produzidos. Para o evento foram confeccionados alguns banners visualizando a trajetória de nossa pesquisa.

### **7.3 - Conclusão**

No desenvolvimento do Projeto de Pesquisa Científica, professora e alunos aprenderam juntos. E como fruto desta experiência, torna-se importante ressaltar que as obras de Monteiro Lobato poderiam ser mais utilizadas para a formação educacional de nossas crianças.

Da obra criativa e, ao mesmo tempo, respeitadora das peculiaridades do mundo da criança, não se deve omitir igualmente o ângulo pedagógico: Lobato sempre teve em mente a formação de seu leitor, visando dotá-lo de uma certa visão do real e da circunstância local, assim como de uma norma de conduta. (ZILBERMAN, 2003, p.147).

Os alunos aperfeiçoaram a leitura e a escrita, motivados pelas narrativas das obras de Monteiro Lobato, e demonstraram motivação para a pesquisa científica pautada nas informações que os textos apontavam. Em cada capítulo havia um teor

de fantasia, mas também de conhecimento e cultura que estava ligado às coisas que encontrávamos no mundo real como, por exemplo, no jardim da escola, no Zoológico de Americana, e nas discussões de temas pertinentes à nossa sociedade.

As obras de Monteiro Lobato trouxeram discursividade e a oportunidade de reflexões e o desenvolvimento da criticidade sobre diversos temas de nosso mundo atual, como o conhecimento e o respeito à natureza, questões sociais como as guerras, a fome, o poder e a intervenção do homem nestes assuntos, através da ciência e da tecnologia. Conforme afirma Foucault, (apud AMORIM, 2004, p.15), “[...] é instaurador de discursividade todo aquele cuja obra permite que outros pensem algo diferente dele”.

## CAPITULO VIII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao envolver-se com a formação contínua, o profissional da educação conquista pouco a pouco a liderança de seu trabalho e segurança na sua atuação. Ao se interessar e se motivar pela leitura de teorias, pela participação de grupos de reflexões para troca de experiências, pelo trabalho desenvolvido de forma coletiva, ao se aprofundar no estudo de novas metodologias com as quais pretende desenvolver a sua prática, adquire autonomia para criar estratégias de ensino.

Sobre o trabalho com a metodologia de projeto de pesquisa científica podemos afirmar que proporciona a construção de novos saberes por parte dos alunos, que passam a serem autores do processo de ensino aprendizagem. Envolvem-se e sentem-se responsáveis por aquilo que pretendem estudar, pela maneira que pretendem pesquisar, pela organização das descobertas que fizeram e principalmente, pela divulgação dos resultados obtidos. O aluno passa a ser um aluno-pesquisador, preocupado com o rigor da metodologia, adquirindo o hábito do registro constante das observações e reflexões, relacionando o objeto de estudo, ou tema, com aquilo que vê no mundo em que vive.

Quanto ao professor, atuando como mediador do grupo transforma-se também em um professor-pesquisador, aprofundando os estudos sobre o tema escolhido, somando ano a ano, cultura e domínio sobre novos saberes.

A aula através da metodologia de pesquisa científica se torna mais prazerosa, pois ocasiona a necessidade da utilização de espaços variados, podendo ocorrer no jardim, no pátio, na quadra, no entorno da escola, no laboratório de informática ou até mesmo em algum outro ponto cultural da cidade, do qual o tema da pesquisa solicite a investigação.

Para o desenvolvimento da metodologia de pesquisa é indispensável o uso das chamadas novas tecnologias, como por exemplo, para a busca de informações em sites da internet, para o registro do processo e dos dados coletados, através de fotos e a edição de vídeos. Ao professor-pesquisador compete adquirir conhecimentos sobre o uso das tecnologias, bem como a ousadia de lidar a utilizá-la na prática, até que a domine totalmente. A existência de novas tecnologias é uma realidade viva na vida dos alunos, e exerce fascínio sobre eles.

Concluindo, a trabalho com Projetos de Pesquisa Científica abre um leque de possibilidades, pois o grupo destaca seus desejos e suas idéias e dentro do tema escolhido, há a oportunidades de desenvolver as diversas áreas do conhecimento, variando atividades, interdisciplinarmente. Podemos ainda considerar como fator favorável a edificação no aluno de um espírito pesquisador e de curiosidade, ensinando o prazer pelo saber, pela busca e construção autônoma de novos conhecimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Marília. O Pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas. Musa. São Paulo, SP, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail Volochinov. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Hucitec. São Paulo, SP.1992.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística. Revista Brasileira de Educação, N° 19: 20-28, Abril/2002.
- CAMARGO, Evandro do Carmo. Algumas notas sobre a trajetória editorial de O Saci. In Lajolo, Marisa; Ceccantini, João Luis (Orgs). Monteiro Lobato, livro a livro: Obra Infantil. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. (p.87-99).
- CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- \_\_\_\_\_, Bernard. Enquanto houver professores...Os universais da situação de ensino e Ensinar, formar: lógica dos discursos constituídos e lógica das práticas. In Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- DEMO, Pedro. A pesquisa como princípio educativo. In Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2005 (p.77/97)
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. Vigotski e Bakhtin. *Psicologia e educação: Um intertexto*. São Paulo: Ática, 1994.
- GALLO, Silvio. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- KRAMER, Sonia. Escrita, experiência e formação – múltiplas possibilidades de criação de escrita. In Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender/Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)- Rio de Janeiro:DP&A,2001.
- LEITE, Sergio Antonio da Silva. Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas. (org.); Alexandra da Silva Molina et al. Campinas, SP: Komedi, 2005.
- LOBATO, Monteiro. Histórias de Tia Nastácia; ilustrações de capa e miolo Manoel Victor Filhol. 32ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_, Monteiro. Viagem ao Céu e O saci. Volume II – Edição Integral e Ilustrada. Digitalização e Revisão Arlindo San.

RIPPER, Afira. Projeto Ciência na Escola. LEIA/FE/UNICAMP. Período 1997-2002. Apoio: FAPESP.

VIEIRA, Adriana Silene. Peter Pan lido por Dona Benta. In Lajolo, Marisa; Ceccantini, João Luis (Orgs). Monteiro Lobato, livro a livro: Obra Infantil. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.p.171-183

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11 ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Global, 2003.